

ADOLESCÊNCIA E CORPOREIDADE: FUNDAMENTOS DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA EDUCAÇÃO

Markus de Lima Silva; Luiz Anselmo Menezes Santos

Universidade Federal de Sergipe, markusilva@hotmail.com

Resumo: A adolescência pode ser compreendida como uma etapa evolutiva peculiar do ser humano. Nela culmina o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo, motivo pelo qual não se pode compreender a adolescência estudando de maneira separada os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Tais aspectos, indissociáveis, constituem justamente o conjunto de características que confere a unidade do fenômeno da adolescência. Entendemos que durante o processo de escolarização do adolescente é vivido uma gama de situações que contribuem diretamente na formação da sua corporeidade. A corporeidade é o conhecimento do corpo do ponto de vista filosófico, na qual esse corpo não se dissocia da mente, já que fazem parte de um conjunto que se inter-relaciona ininterruptamente, constituindo, a partir das mais variadas vivências corporais no mundo, a sua subjetividade. Assim, entendemos a educação como um processo que busca direcionar as ações e pensamentos dos seres humanos, valorizando suas experiências vividas no contexto escolar e contribuindo na formação da sua identidade. Neste sentido, por meio de uma fundamentação fenomenológica da educação, buscaremos elucidar um processo educativo que privilegie as experiências vividas dos seres humanos, mais especificamente, dos adolescentes, proporcionando uma educação com sentido aos seus discentes. Tendo em vista que a corporeidade é, e existe, por meio da cultura, ela possui significado. Daí a certificação existente na relação corpo e educação, por meio do processo de ensino-aprendizagem direcionado as experiências de vida dos seres humanos, significa o entendimento da cultura. Corpo que se educa, é corpo humano que aprende a fazer história, fazendo cultura.

Palavras-chave: Adolescência, Corporeidade, Educação, fenomenologia.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A educação pode ser compreendida e analisada a partir de diferentes enfoques e, apesar da sua diversidade de aspectos, é imprescindível destaca-la como um dos setores da vida humana constantemente relacionada às condições sociais e valores vigentes na sociedade. O ato educativo está direcionado a uma determinada sistematização que o ser humano produz, com o objetivo de desenvolver suas aptidões físicas e intelectuais, assim como seus sentimentos sociais, estéticos, éticos e morais.

A educação, no sentido mais amplo do termo, é definida como o processo de aquisição e transmissão das técnicas culturais. Estas compreendem tanto as técnicas de uso, como também de produção e de comportamento – e são reforçadas de uma geração à outra para satisfazer suas necessidades e garantir a sobrevivência de uma determinada ordem cultural. Por outro lado, a educação costuma também ser conceituada como o procedimento que visa

dar o impulso para o desenvolvimento do indivíduo mediante o desencadeamento de todas as suas potencialidades. Entende-se, então, que a educação, seja qual for sua definição, está ligada a uma representação daquilo que se pode constituir como princípio orientador, no qual o ser humano procura direcionar seu pensamento e sua ação, como forma de estruturar sua identidade e encontrar sentido para a sua existência.

Neste sentido, o adolescente vivencia inúmeras experiências no contexto escolar, fatores que contribuem decisivamente na construção da sua corporeidade. Assim, procuraremos salientar as bases que fundamentam a educação como um fenômeno próprio dos seres humanos, onde buscamos reconhecer que não há formas de buscar seu sentido sem refletir acerca da condição humana, ou seja, buscando compreender a educação a partir das relações vivenciadas no mundo, sobretudo porque a educação é, sem dúvidas, experiência universal essencialmente constitutiva do homem engajado no mundo.

O ADOLESCENTE E A ESCOLA

A adolescência pode ser compreendida como uma etapa evolutiva peculiar do ser humano. Nela culmina o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo, motivo pelo qual não se pode compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Tais aspectos, indissociáveis, constituem justamente o conjunto de características que confere a unidade do fenômeno da adolescência. A adolescência se configura como uma etapa da vida humana repleta de transformações físicas, mentais e sociais.

Segundo Reinhold (2010), a adolescência se caracteriza por grandes desenvolvimentos físicos, cognitivos, afetivos, espirituais e sociais. Entretanto, professores nem sempre conseguem entender os comportamentos dos jovens; buscar compreender seus comportamentos na escola se apresenta como uma importante questão educacional. Podemos observar queixas frequentes de professores que não conseguem lidar com a falta de interesse e compromisso do adolescente, com a consequente indisciplina em sala de aula, que muitas vezes origina um círculo vicioso e desanimador: o aluno não consegue observar sentido nas atividades exigidas e desenvolvidas na escola, deixa de participar, executa as tarefas por mera imposição e necessidade, dedica-se a outros interesses em sala de aula, não vê as tarefas exigidas como desafio para o seu crescimento, por outro lado o professor também desmotiva-se e perde o seu dinamismo, sua vontade de ensinar. Assim, a aula se transforma, cada vez

mais, numa mera formalidade sem sentido, a ser cumprida em nome de um planejamento. E não se concretiza o verdadeiro objetivo da educação.

Não há definição universal e atemporal de educação, mas, de modo geral, podemos dizer que é constituída de medidas e processos que ajudem o ser humano a alcançar sua “maioridade”, seu desenvolvimento pleno, o que significa concretizar e realizar seus potenciais e possibilidades, atualizar suas forças e assumir sua humanidade. Por humanidade, entende a logoterapia ou análise existencial de Viktor E. Frankl (Wicki 1991) as características localizadas na dimensão noética ou espiritual do ser humano, que é a dimensão humana propriamente dita, que engloba nossos ideais, a consciência moral e a compreensão de valores, a orientação para objetivos, a intencionalidade, a liberdade para tomar decisões, a fé, o pensamento criativo, a autotranscendência, a responsabilidade, o senso de humor e o sentido da vida, Visto dessa forma, a educação precisa ajudar o aluno não só a incorporar todo conhecimento acumulado e construído pelos homens, mas a viver sua verdadeira existência, e transforma-se numa “educação com sentido” quando os alunos assumem responsabilidade plena por seus comportamentos e atos (REINHOLD, 2010, p. 28).

Desta forma, é a dimensão noética que precisa ser acionada para que o aluno consiga exercer uma educação com sentido. Uma educação centrada no sentido, o docente se apresenta como um “ajudante” que facilita ao educando se tornar o que, no fundo, a sua essência, ele já é, no objetivo central de se transformar em um ser único no mundo, singular e irrepetível. A liberdade da vontade necessita ser enfatizada, para que o aluno consiga exercê-la de maneira consciente e responsável. Nos processos educacionais, a vontade de sentido precisa ser enfatizada, pois a consciência deve ser preparada para captar o sentido e os valores inerentes às situações, a auto transcendência – o voltar-se para valores no mundo – deve ser incentivada.

Segundo Reinhold (2010), uma educação com sentido está baseada em uma educação humanista, cujo objetivo é o desenvolvimento da singularidade e da dignidade de cada educando, visando à auto transcendência e à orientação pelo sentido; é orientada mais pelo futuro do que pelo passado; as causas de comportamentos inadequados são secundárias; desenvolvem-se no educando mudanças de atitudes, para que, no futuro, decisões com mais sentido possam ser tomadas; enfatiza os conteúdos ilimitados e incondicionais de sentido: os saberes, quando contextualizados, constituem importante realização de sentido; é processo ligado ao desenvolvimento humano: a sensibilidade para perceber o sentido inerente a cada situação depende do estágio de desenvolvimento do educando, ampliando-se ao longo do processo de amadurecimento; é ética aplicada: as consequências de possíveis ações são

examinadas à luz da responsabilidade; uma ação somente é aceitável se é favorável a todos os envolvidos; tem resultado incerto e inconstante: o sucesso do processo educativo não pode ser garantido pelo educador, depende igualmente do educando; não pode ser descrita ou praticada passo a passo, pois se trata de uma rede complexa de interações de conteúdos; permite que os educando reconheçam seu espaço de liberdade com responsabilidade e suas próprias possibilidades de tomar suas decisões.

A adolescência constitui período de intensa busca de si mesmo e de construção de um projeto de vida. Assim, a escola não pode se limitar a desenvolver conteúdos cognitivos, seus professores precisam atentar para o amadurecimento global do jovem, especialmente sua dimensão noética. É necessário que o jovem perceba que é livre para fazer escolhas, mas que cada uma delas implica responsabilidade diante de si mesmo e dos outros; que elas são baseadas em valores subjacentes; que a vivência da plenitude significa que o bem estar pessoal sempre inclui os outros e o mundo; que fazemos parte de um todo maior e que cada situação encerra uma possibilidade de sentido que precisa ser percebida (REINHOLD, 2010, p. 40).

Neste sentido, a educação nos revela um leque de situações em que as pessoas estão posicionadas e que necessitam ser compreendidas. O processo educativo requer uma realidade vivenciada pelo ser humano, seja ela formal ou informal. Neste sentido, consideramos a educação como um fenômeno, onde reconhecemos em sua prática uma experiência essencialmente humana. Todas as pessoas, grupos, família e sociedade estão implicados no fenômeno educacional.

Segundo Silva (2014), a educação deve procurar colocar a pessoa (o ser humano) como o centro do ato de viver e de educar, não somente na escola, mas em suas múltiplas relações estabelecidas pelos indivíduos. A educação, ao contemplar o indivíduo como um ser único e em relação com o mundo, deve ser aquela que, além da informação, possibilita a formação, completude ao ser humano, ser que se encontra em constante transformação e desenvolvimento, ser inacabado, incompleto, mas ser sensível, perceptível e, acima de tudo, humano, ser capaz de transcender. É neste sentido que o processo educacional está diretamente relacionado com a cultura, sociedade e com o indivíduo.

Ao considerar a educação um fenômeno, devemos começar por reconhecer que se trata de uma experiência profundamente humana. Em sentido forte, é mesmo uma experiência universal e exclusivamente humana: todos os homens se educam, e só eles os fazem. Isso significa que a experiência da educação se torna uma das manifestações mais primitivas e típicas do fenômeno humano, em relação essencial com as outras características deste

último. Tanto os indivíduos como os grupos, a família e a sociedade, a história e o mundo, estão implicados na estrutura do fenômeno educacional. Isto quer dizer que, em sua polissemia, a educação pode ser enfocada de vários pontos de vista, mas cada um deles acaba por nos remeter aos demais (REZENDE, 1990, p. 46).

Desta forma, qualquer processo educativo precisa ter como preocupação constante atitudes que possibilitem ao aluno reaprender a ver o mundo, um modo de educar que privilegie uma forma de pensar criativa e capaz de renovar, ampliando os caminhos percorridos pela educação tradicional, na qual privilegia uma aprendizagem intelectual. Assim, qualquer projeto educacional precisa dialogar com o contexto dos educandos, possibilitando uma maior compreensão da sua realidade social e cultural.

Segundo Silva Filho (2006) a essência da educação é compreender o sentido global da existência humana inacabada para que, nessa existencialidade, o projeto humano se realize buscando o seu ser-possível. Logo, segundo o autor, não há educação, mas alienação, se nós, seres humanos, vivemos sem perceber o significado compreensivo de que as nossas vidas realmente têm relações inesgotáveis com o mundo.

Desta forma, o sentido do educar abrange um limite em uma realidade vivenciada pelo ser humano, seja essa realidade formal ou informal. A escola precisa valorizar a corporeidade de seus educandos, respeitando suas diferenças, a sua cultura, assim como estimular as potencialidades de cada um, possibilitando acesso ao saber e ao conhecimento, além de proporcionar condições de superação dos obstáculos. É necessário que o adolescente se sinta parte integrante da escola, consciente e atuante nas atividades desenvolvidas por ela. Entretanto, para isso, a escola deve fortalecer a personalidade dos educandos e educadores. Para isso, o ambiente escolar deve estar aberto e favorecer a expressão, a comunicação e convivência entre alunos e professores, de maneira que as relações estabelecidas favoreçam a elevação da autoestima de cada personagem que atua nesse processo.

EDUCAÇÃO E CORPOREIDADE

A educação se apresenta como um processo que promove a construção da humanização dos sujeitos, que não seria simplesmente um objeto passivo, mas um sujeito ativo da história e da cultura. Assim, mais do que um simples processo, a educação busca ser um projeto de personalização dos sujeitos, de desalienação tanto individual, como também coletiva.

Na compreensão de Santos (2012), ao analisar a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, não existe separação e oposição entre os dados sensíveis e cognitivos no ato de apreensão das coisas. Nossas experiências constituem a fonte de todo o conhecimento, sendo este adquirido no próprio mundo, pois esse apenas passará a existir para nós quando lhe atribuirmos um sentido.

O caráter valorativo do corpo vem ao encontro de uma ideia que o toma como elemento imprescindível no processo de aprendizagem. Compartilhamos a ideia de que o corpo, como nosso referencial de vida, nosso estar-presente no mundo, tem suma relevância no âmbito educacional, pois é com o corpo que vivenciamos o mundo. Desta forma, uma educação que priorize a corporeidade deve se constituir “como processo/projeto de humanização do sujeito, que não seria simplesmente objeto-passivo mas sujeito ativo da história e da cultura” (REZENDE, 1990, p. 69). Considera o autor que, no caso da corporeidade, há muito a ser pesquisado e estudado, muitos mistérios a serem desvendados, pois existe um novo paradigma a ser elaborado. É o convite que ele faz para aqueles que comungam da ideia sobre a relevância do conhecimento do corpo e sua inter-relação com a Educação.

A corporeidade é o conhecimento do corpo do ponto de vista filosófico, na qual esse corpo não se dissocia da mente, já que fazem parte de um conjunto que se inter-relaciona ininterruptamente. De acordo com Merleau-Ponty “eu só posso compreender a função do corpo vivo realizando-o eu mesmo e na medida em que sou corpo que se levanta em direção ao mundo” (1999, p.90). Assim, o corpo é meu referencial com o mundo; por meio dele existo e me relaciono com os demais. Para que então dissociá-lo da mente, do intelecto, dos pensamentos, dos sentimentos? Desta forma verificamos que a mente não existe sem o corpo, como também o corpo não existe sem a mente. Mente-corpo coabitam e coexistem no mesmo ser. É o cérebro-mente que comanda os movimentos, as ações, os pensamentos, as emoções do ser humano. O corpo é mais do que um conjunto constituído de músculos e ossos: nele estão marcados signos sociais que expressam a cultura de um povo. Atuar sobre o corpo é atuar sobre a sociedade. O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem e este é um ser essencialmente corporal. Pelo corpo manifestamos aspectos de nossa existência, de nossa cultura, de nossa sociedade. Por que relacioná-lo com a aprendizagem? “Ao falarmos de uma aprendizagem humana e significativa, estávamos conotando o que a fenomenologia nos ensina sobre a apropriação do sentido como um dos aspectos mais importantes do fenômeno humano” (REZENDE, 1990, p. 68). Sendo a aprendizagem parte integrante e essencial desse

desenvolvimento, o corpo não pode e não deve ficar esquecido nesse processo.

A corporeidade, quando vivenciada na educação, pode abrir perspectivas de construção e produção de equilíbrio nos processos de aprendizagem. A discussão sobre o conhecimento abarca, hoje, todos os processos naturais e sociais, nos quais se geram. A partir daí são levadas em conta formas de aprendizagem. Corpo e consciência não são causalidades distintas, mas unidade expressa pela sua dinâmica da experiência do corpo (SANTOS, 2016, p. 186).

Neste sentido, observamos que a corporeidade se manifesta através de uma diversidade de relações, que se mostram muito relevantes no processo educacional e pedagógico. Tais relações são devidamente apontadas por Oliver (1995), retratando que a corporeidade implica, portanto, na inserção de um corpo em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expansivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). O corpo se torna a permanência que permite a presença das “coisas mesmas” manifestar-se para mim em uma perspectividade; torna-se o espaço expressivo por excelência, demarca o início e o fim de toda a ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. Mas ele, enquanto corporeidade, enquanto corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e através do qual o processo de vida se perpetua. Logo, percebemos o entendimento que corporeidade é o corpo vivido, vivenciado, ou seja, o ser no mundo. Ampliando a discussão, Queiroz (2001) ressalta a necessidade de se ampliar a discussão sobre o corpo e a corporeidade no âmbito escolar, dentro do processo pedagógico.

O caminho para o resgate pleno de corporeidade no âmbito educacional é longo e está apenas começando. O fato de já estar em andamento uma desconstrução da visão logocêntrica e uma tomada de consciência do caráter imprescindível da corporeidade, na teoria e na prática pedagógica, já deve ser saudado como um promissor avanço. Resta incentivar a inclusão dessas orientações nos planos pedagógicos e fomentar a criação de experiências pioneiras que traduzam, na prática, aquilo que a teoria já indica como necessidade urgente e inadiável (QUEIROZ, 2001, p. 53).

Nesse contexto, a instituição escolar tem um importante papel a desenvolver, pois é fundamental que se abra um espaço para a construção de representações do corpo e dos valores que a ele se atribui. É importante perceber esse espaço como lugar privilegiado para refletir sobre a formação dos sujeitos, desmistificando estigmas, estereótipos, valores e atitudes, buscando assim, humanizar a prática pedagógica.

A vivência do ato educativo é uma experiência que se dá através do corpo na sua relação com os objetos da educação. O ser humano não pode se conhecer e nem conhecer, se não compreende a essência de sua existência. Existe uma grande necessidade de se desvendar a importância do corpo na educação. Nesse sentido, o professor deve orientar ações que levem os alunos a formar seus próprios significados de movimento e linguagem. Assim sendo, será necessário o conhecimento das questões relacionadas à corporeidade e sobre o contexto sociocultural em que as coisas acontecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, através desse estudo, problematizar e evidenciar a necessidade da escola apresentar um diálogo sobre o corpo e a corporeidade com os/as adolescentes, tendo em vista que essa precisa relacionar seus objetivos educacionais e suas abordagens com as ansiedades e necessidades dos/as alunos/as. Enquanto esses indivíduos buscam mais informações para compreender as mudanças que estão ocorrendo em seus corpos, a escola deve se propor a caminhar nessa direção, abordando, problematizando e produzindo situações que tragam à tona sua corporeidade.

Desta forma, a elaboração de um projeto pedagógico e uma prática docente que se atenuem para as questões relacionadas ao corpo, deve incluir em suas indagações, os problemas relativos à corporeidade dos indivíduos adolescentes. Uma vez que sua tarefa central é contribuir para a constituição do educando enquanto sujeito em si, isto é, portador de uma identidade singular e, ao mesmo tempo, como sujeito social participante na coletividade em que se situa.

Segundo Caminha (2012), a escola não pode somente priorizar os processos educativos de natureza intelectual, nem tão pouco excluir sua condição de espaço de convivência. Um processo educativo que busca a construção de aprendizagens mais significativas de seus alunos deve ser desenvolvido num local privilegiado para aprender a conviver. Entretanto, saber conviver transcende a noção da mera aprendizagem de regras de convivência. Assim, nosso corpo se constitui como um saber que nos auxilia na familiarização com o outro, respeitando a sua dignidade.

Pela corporeidade, o ser humano faz do outro um mediador de sua existência. Seja na condição de emissor ou receptor das formas expressivas, o corpo insere o ser humano de forma ativa e passiva no espaço social, de modo que não podemos ser meras máquinas que manifestam reações físico-

químicas. Como corpos que carecem do outro. Portanto, precisamos ser educados corporalmente do ponto de vista da convivência social (CAMINHA, 2012, p. 17).

Tendo em vista que a corporeidade é, e existe, por meio da cultura, ela possui significado. Daí a certificação que a relação corpo-educação, por meio do processo de ensino-aprendizagem direcionado as experiências de vida dos seres humanos, significa o entendimento da cultura. Corpo que se educa, é corpo humano que aprende a fazer história, fazendo cultura.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Corpo, motricidade e subjetividade em Merleau-Ponty. In: CAMINHA, Iraquitan de Oliveira (Org.). **Merleau-Ponty em João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. [Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVER, Giovanina G. Freitas. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Dissertação (Mestrado em Educação Motora). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- QUEIROZ, José J. Descobrimos a corporeidade – parte III. **Revista revés do avesso**. São Paulo: CEPE - Centro Ecumênico de Publicações e Estudos “Frei Tito de Alencar Lima”, Ano 10. jan. 2001.
- REINHOLD, Helga Hinkenickel. Educação com sentido: orientação para professores. In: LIPP, Marilda. **O adolescente de seus dilemas: orientações para pais e educadores**. Campinas: Papirus, 2010. p. 27-41.
- REZENDE, Antonio. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- SANTOS, Luiz Anselmo Menezes. **O corpo próprio como princípio educativo a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 2012, 206 f.
- SILVA, Carlos Cardoso. A educação e sua dimensão fenomenológica. PEIXOTO, Adão José (org.). **Interações entre a fenomenologia e educação**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2014.
- SILVA FILHO, A. C.; Para quê Fenomenologia "da" educação e "na" pesquisa educacional?. **Revista Trilhas (UNAMA)**, v. 8, p. 1-100/17-110, 2006.